



A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNICAMP POR MEIO DAS AÇÕES DO PROGRAMA CAPES-PRINT

Palavras-Chave: INTERNACIONALIZAÇÃO, PÓS GRADUAÇÃO, UNIVERSIDADE

Autores:

Marina Fragnan Cruz [UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS]

Prof. Dr. Rafael de Brito Dias (orientador) [UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS]

INTRODUÇÃO:

A globalização proporcionou grandes rearranjos e mudanças nos fatores sociais e econômicos. Sendo assim, as instituições de ensino superior tiveram que se adaptar e gradativamente se internacionalizar. A globalização exigiu a formação de redes, seja entre governos ou empresas, e um dos pilares estratégicos na internacionalização do ensino superior é a criação de contratos e acordos com outras universidades estrangeiras. Tais acordos tecno-científicos possibilitam que as instituições envolvidas criem canais de comunicação entre si mais efetivos, suscitando novas possibilidades de convênios.

O processo de internacionalização não é um fim, mas um meio (KNIGHT, 2013). A internacionalização na educação superior não impacta apenas nas universidades envolvidas, mas também nas relações diplomáticas entre os países, além de desenvolver a integração intelectual e intercultural. Diante a isso, é perceptível que a internacionalização das IES impacta diversos agentes no cenário global, afetando tanto os atores diretamente envolvidos quanto os relacionados indiretamente.

A Unicamp desde seu início, em 1966, percebeu a extrema importância deste assunto. Implementando políticas que visassem a inserção e reconhecimento internacional. Foram diversas ações voltadas à inserção da universidade no cenário internacional. Apesar das diversas atitudes, dentre estas e muitas outras, a mais significativa – não só para a Unicamp, como também para as outras IES do Brasil – foi o Ciência sem Fronteiras. Contudo, o programa CsF não permitia o completo alinhamento com as políticas pré-existentes nas universidades.

É neste ponto que o edital lançado pela CAPES, no ano de 2017, o Programa Institucional de Internacionalização (PrInt), se destaca. Dado que confere às universidades aprovadas, a autonomia de alinhar as políticas individuais de cada instituição. A Unicamp elaborou um documento submetido ao edital e aprovado, onde se é apresentado os pontos fortes e fracos, estratégias e políticas, bem como a definição dos temas prioritários. Juntamente com o CAPES/PrInt, a Unicamp

possui a capacidade de alavancar suas estratégias e planos de internacionalização, conferindo-lhe cada vez mais destaque e reconhecimento no cenário internacional.

Foram levantadas as ações relacionadas à internacionalização da Unicamp desde sua fundação até os dias de hoje, a fim de traçar uma linha histórica de atitudes e evoluções relacionados ao tema. Como a “individualidade” de cada instituição é valorizada no edital, é possível notar características intrínsecas em cada proposta submetida. Sendo assim, houve a necessidade de comparação entre os programas Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal de Minas Gerais para com a da Universidade Estadual de Campinas, a fim de estudar o que a proposta desta se destaca das demais e os pontos que podem ser aperfeiçoados.

PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNICAMP:

Oficialmente fundada no ano de 1966, o primeiro reitor, Prof. Dr. Zeferino Vaz, foi o responsável pelo incentivo de diversificar o quadro de docentes, atraindo diversos pesquisadores estrangeiros. Durante os anos de 1966 e 1982, segundo Tadeu Flores e Córtez (2016), a cooperação internacional era estabelecida através dos docentes estrangeiros presentes na universidade e afastamentos internacionais do corpo docente eram incentivados.

Durante os anos de 1986 a 1990, o mais notório plano de ação sobre a internacionalização, foi a Cátedra em Oxford. Foi instalada a cadeira “Sergio Buarque de Holanda” de Estudos Brasileiros, onde debates entre alunos estrangeiros e docentes eram incentivados. A Unicamp foi a primeira universidade da América Latina a possuir uma cadeira em uma universidade considerada uma das melhores do mundo.

Nos anos seguintes, as principais medidas tomadas, descritas nos relatórios de gestão, se dão à participação de pesquisadores, alunos e docentes da universidade em seminários internacionais, visitas de professores estrangeiros em outros. Entre 1994 a 2014, a CORI (Coordenadoria de Relações Institucionais e Internacionais), um órgão assessor da Reitoria, - com o objetivo de desenvolver as relações institucionais e internacionais da Unicamp, promovendo intercâmbios científicos, tecnológicos, culturais, filosóficos e artísticos – foi a responsável por diversos acordos de cooperação entre a Unicamp e instituições internacionais.

O Ciência sem Fronteiras (2011-2014) representou um grande marco da internacionalização das universidades brasileiras, juntamente com o governo federal, onde milhares de alunos, pesquisadores e docentes foram enviados às IES reconhecidas pela alta qualidade acadêmica.

Como podemos notar no gráfico 01, as ações tomadas durante este período, convênios firmados e programas do governo, como o Ciência sem Fronteiras, refletiram no número de alunos da Unicamp que efetivamente participaram dos programas de intercâmbio, quase que dobrando o número de discentes contemplados.

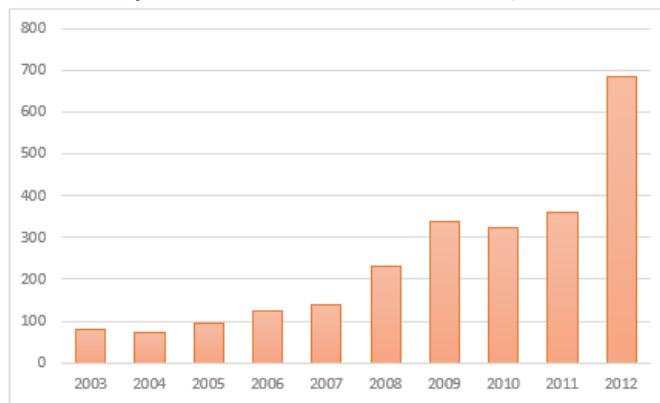


Gráfico 1 – Alunos da Unicamp que realizaram intercâmbios (2003-2012)

Contratos e convênios com instituições internacionais aumentaram exorbitantemente, sendo que dos 645 acordos vigentes, 426 foram firmados durante os anos de 2013 a 2016. Conforme o gráfico ao lado, o continente Europeu é a região com o maior número de contratos vigentes com a Unicamp.

O Programa Ciências sem Fronteiras aumentou exponencialmente o oferecimento de bolsas de mobilidade acadêmica na universidade, além da necessidade de a instituição criar critérios padronizados para pedidos de intercâmbio (que antes da implementação do CsF não havia na universidade). Entretanto, Granja (2018) nos mostra alguns problemas enfrentados pela equipe responsável pelo programa na Unicamp. Os principais problemas enfrentados foram: o programa não se alinhava com as estratégias de

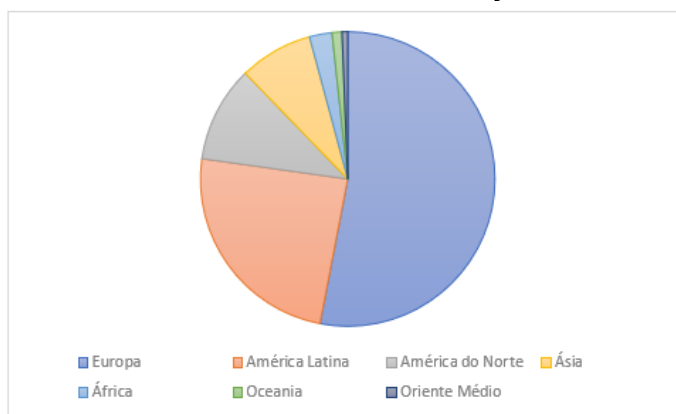


Gráfico 2 – Acordos Vigentes por Região 2017

internacionalização da instituição; prejudicou algumas parcerias já existentes; não estimulou mecanismos para a preservação dos convênios, criando, como a própria autora denomina, “acordos vazios”; as ações não eram pensadas em longo prazo; aumento do trabalho administrativo e falta de coordenação.

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO (CAPES/PRINT) NA UNICAMP:

Idealizado em 2017, o programa é resultado de uma análise de todas as práticas de internacionalização das IES, bem como as lacunas que o Programa Ciência Sem Fronteiras deixou após o seu encerramento no ano de 2017. Os principais objetivos do programa referem-se à construir e fortalecer os planos estratégicos de internacionalização de cada universidade, estimular redes de pesquisas de cunho internacional, propiciar a mobilidade acadêmica de docentes e

discentes, em especial os doutorandos, e compor outras ações da Capes relacionadas à expansão da internacionalização da pesquisa brasileira.

Na Universidade Estadual de Campinas, em seu projeto para submissão ao Edital da Capes/PrInt(41/2017), é possível notar a descrição de grande assimetria nas relações internacionais da universidade, visto que apesar do grande número de discentes/docentes realizarem atividades em IES internacionais, apenas 6,2% de alunos estrangeiros compõe a Unicamp. Sendo estes, em sua maioria, de origem de países Latino Americanos, como Colômbia, Peru e Equador. Outro ponto a ser desenvolvido, e considerado ponto fraco da instituição, é a falta de proficiência em idiomas, isto além de afetar a mobilidade acadêmica, limita a colaboração em grupos de pesquisas com universidades e laboratórios internacionais. Por fim, outra dificuldade da Unicamp é a falta de acessibilidade da informação a alunos estrangeiros, já que as informações expostas no site, apresentadas em outras línguas, neste caso inglês e espanhol, ainda são limitadas.

As estratégias da Unicamp, diante ao financiamento do PrInt, são: atrair discentes estrangeiros ao país; consolidar parcerias já existentes; preparar o docente/discente tanto para o período no exterior quanto ao seu retorno; implantar um Hub Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (HIDS); sediar experiências internacionais; diversificar as fontes de financiamento; conceber novos programas ministrados em inglês, de pós-graduação relacionados ao tema de bioenergia; aumentar a proficiência dos envolvidos em línguas estrangeiras; e etc.

Após a análise dos programas da UNICAMP, UNESP, UFMG e UFRGS, foi verificado que as barreiras linguísticas são problemas comuns. Não apenas aos estudantes brasileiros que não são bilíngues, mas também os cursos de graduação e pós-graduação ainda não são oferecidos, em quantidade considerável, em outro idioma. Isto dificulta a atração de alunos estrangeiros, em especial oriundos do continente europeu e asiático. Por consequência os alunos estrangeiros nas IES analisadas, são provenientes de países da América Latina, devido à proximidade do idioma.

Outro ponto interessante são os temas propostos que também se assemelham em grande parte, dado que suas bases foram formadas através do Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU que apresenta os grandes problemas contemporâneos. Temas como bem-estar populacional, sustentabilidade, direitos humanos, desenvolvimento de novas tecnologias, cidades inteligentes, fontes de energia e outros, são comuns nos eixos principais das IES observadas. A internacionalização do ensino, pesquisa e extensão encontra-se em constante avanço e crescimento nas universidades. Todavia a Unicamp é a universidade, dentre as quatro estudadas acima, com o histórico mais antigo de internacionalização, além de ter suas bases enraizadas nesse princípio. Isto é possível notar pelo número de países envolvidos na internacionalização da universidade, que dentre as quatro IES investigadas, é o maior.

As estratégias de internacionalização por vezes se demonstraram parecidas entre as instituições. Consolidar parcerias já existentes e firmar novos convênios são planos comuns e pré-requisito no edital Capes/PrInt. Apoios a grupos de pesquisa, inserção de discentes e docentes em

laboratórios de pesquisa internacional e expandir cursos de proficiência em idiomas também foram muito priorizados.

Universidade	Pós-Graduação	Países Envolvidos
UFMG	65	38
UFRGS	57	27
UNESP	74	49
UNICAMP	71	60
USP	215	22

Quadro 1 – Programas de Pós-Graduação e Países contemplados no PrInt

CONCLUSÕES:

Como ressaltado diversas vezes, o programa Capes/PrInt possui como a mais notável característica possibilitar a cada IES contemplada, a autonomia de decisões acerca da internacionalização da universidade. Fica evidente que a Universidade Estadual de Campinas possui um plano de ação definido e estruturado, já que há décadas a instituição de ensino superior confere grande importância ao tema. Sua rede de convênios encontra-se bem estruturada e ampla, bem como as parcerias com instituições privadas. No entanto, a Unicamp possui apenas, além do grupo gestor do PrInt, a DERI, que é responsável pelas relações internacionais. Enquanto a UNESP possui um maior número de órgãos gestores e apoios à internacionalização. (AREX, CSURI, CERI e CLI).

Segundo os gestores do processo de internacionalização da Unicamp (2018), espera-se que o programa resulte em novas cooperações e redes de pesquisa com IES de referência internacional, convites para palestras e cursos, realização de missões de estudos e de pós-doutoramento no exterior, participação em congressos, feiras e outros.

O Capes/PrInt possibilita a diversidade de estratégias, fazendo com que estas sejam condizentes com as necessidades particulares de cada IES, assim como permite ao grupo gestor do projeto, definir todo o processo de acompanhamento do cumprimento das metas. A Unicamp optou por descentralizar suas ações e conferir autonomia de decisão a cada programa de pós-graduação, isso permite uma maior capilaridade das ações de internacionalização. Tornando o programa bastante específico e moldado aos discentes e docentes integrantes de cada pós-graduação envolvida, e permite uma qualidade maior das pesquisas realizadas, proporcionando maior reconhecimento acadêmico-científico na esfera internacional.

BIBLIOGRAFIA

- GRANJA, Cintia Denise. **Internacionalização e mobilidade estudantil: o programa Ciência sem Fronteiras na Universidade Estadual de Campinas**. 2018. Dissertação, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2018.
- KNIGHT, Jane. **The changing landscape of higher education internationalisation – for better or worse?** Perspectives: Policy and Practice in Higher Education, 17:3, 84-90, 2013.
- TADEU, José; CORTÉZ, Luis. **50 Anos de Internacionalização da Unicamp - Universidade Estadual de Campinas**. Universidades, Distrito Federal, núm. 68, p. 68-83, 2016.